

Bolsocaro: efeitos metafóricos numa imagem de protestos contra o presidente Bolsonaro nas ruas do Bras

MARIA DO CARMO GOMES PEREIRA CAVALCANTI

Doutora em Ciências da Linguagem
Universidade Católica de Pernambuco

E-mail: carmingpc@yahoo.com.br

 ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3158-7209>

DALEXON SÉRGIO DA SILVA

Pós-Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco
Doutor em Programa de Doutorado-Sanduíche pela Universidade de Lisboa e
Universidade Aberta de Lisboa - Portugal.

E-mail: dalexon@uol.com.br

Bolsista CAPES

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5977-361X>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 7

Número 1

Recebido em: 09/12/2021

Aprovado em: 21/04/2022

Resumo

Este artigo analisa uma imagem publicada no site da revista Istoé, acerca dos protestos contra o presidente do Brasil, ocorridos nas ruas do Brasil em 02/10/2021. Assim, a partir da Análise materialista do discurso de vertente pecheuxteana, este trabalho se ancora nas concepções de paráfrase, polissemia, efeitos metafóricos, posição-sujeito e formação discursiva, para analisar a imagem que funciona como materialidade discursiva, por apontar para a historicidade constitutiva na exterioridade, que traz o já-dito e a atualidade da conjuntura brasileira, produzindo deslocamentos, como unidade de sentido em relação à situação analisada.

Palavras-chave:

Efeitos metafóricos; paráfrase; polissemia.

1 Situando a proposta

Em 02 de outubro de 2021, o Brasil viu suas ruas, mais uma vez, serem tomadas por milhões de brasileiros que, insatisfeitos com o governo Bolsonaro, principalmente por causa da alta dos preços, que impulsionam uma alta inflação no Brasil, mobilizaram-se com cartazes que (d)enunciam o que se passa na atual conjuntura brasileira. No mesmo dia, o site da revista *Istoé* publicou uma manchete de capa, intitulada *Manifestantes criticam alta de preços: “A culpa é do Bolsonaro”*. Nela, vê-se uma pessoa segurando um cartaz de protesto com o enunciado *Bolsocaro* e valores referentes ao preço do arroz, da carne, do gás, da gasolina e da cesta básica.

Na mesma data, o site *G1 globo* publicou matéria intitulada: manifestantes vão às ruas em todos os Estados para pedir o *impeachment* de Bolsonaro. A reportagem estima que 26 Estados mais o Distrito Federal, manifestantes saíram às ruas para protestar contra a pobreza, a alta de preços, mais vacina, mais emprego. A passeata contemplou a participação de 20 partidos políticos.

No mesmo dia o site *Brasildefato* publicou uma manchete intitulada: *“Bolsocaro” domina protestos no lugar de “genocida”: entenda por que isso é ruim para ele*. Nela, pode ser notada a presença da imagem do gás de cozinha e protestos contra o aumento do mesmo, dos alimentos, da energia elétrica e a denúncia de elementos associados à queda da popularidade do presidente, diante da inflação exponencial que assola o país, e que compromete a classe trabalhadora, diminuindo o poder de compra dos brasileiros, a utilização de salários e atinge o âmbito dos benefícios sociais.

Diante desses acontecimentos, percebidos em várias partes do Brasil, este trabalho pretende responder as seguintes questões de pesquisa: como a posição-sujeito presidente se mostra nas manifestações do dia 02 de Outubro? Como os efeitos metafóricos se apresentam nos dizeres dessas manifestações? Como a memória discursiva se apresenta nessas publicações?

Ao serem respondidas as questões de pesquisa, pretende-se discutir a produção de diferentes efeitos de sentido a partir de um mesmo objeto simbólico. Esse deslizamento de sentidos movimenta o que é nomeado pela AD de efeitos metafóricos. Para tal, ancoramos nosso trabalho na perspectiva teórico-metodológica Análise do Discurso fundada por Pêcheux e reterritorializada no Brasil por Orlandie continuada por outros estudiosos, para analisarmos a imagem publicada no site da *Istoé*.

Do exposto, é preciso pontuar que, ao longo de mais de 1000 dias do governo do presidente Jair Messias Bolsonaro, a situação econômica do Brasil foi se desgastando ao logo do tempo, sobretudo durante a pandemia da Covid-19. Nos dois primeiros anos de governo, a inflação no país conseguiu manter a média do Banco Central. Em 2021, a inflação subiu mais que o dobro, e o brasileiro sentiu este reflexo no aumento dos alimentos, da gasolina, entre outros itens de consumo. É importante

salientar que, no período em questão, o Brasil passou de 13 milhões de desempregados para 14,4 milhões. Tal fato, decorrente, também, da pandemia, não mobilizou uma estratégia para geração de empregos e a prometida e ousada agenda liberal, divulgada em sua campanha eleitoral, não trouxe os frutos que haviam sido prometidos. Nesse contexto, o que se defende, em meio aos que o apoiam, é que a eleição de Bolsonaro aconteceu em meio ao fracasso econômico de governos que o precederam.

Bolsonaro não participou dos debates eleitorais em 2018 e sua campanha foi realizada por meio do uso de plataformas digitais, sob a justificativa de recuperação do atentado sofrido em Juiz de Fora, no qual se informa que ele havia levado uma facada. Com o slogan da campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, o atual chefe da nação lançou mão de discursos conservadores, ataques ao Partido dos Trabalhadores (PT). Utilizando estratégias discursivas de respeito à família, à moralidade, à união entre o povo brasileiro, o então político tentou e tenta atingir determinadas expectativas da população. Diante disso, embebido num discurso cristão e heteronormativo, se apropriou de um imaginário coletivo que o apresenta como sendo um sujeito sério, virtuoso, competente (FILHO & PROCÓPIO, 2020).

2 Situando posições-sujeito, paráfrase, polissemia, formação discursiva e efeitos metafóricos na Análise Materialista do Discurso de vertente pecheuxteana

É a partir de Pêcheux (2014) que o discurso passa a ser compreendido como efeitos de sentido entre locutores. A análise do discurso (AD), dessa forma, não trata da gramática e do léxico, embora esses elementos lhe interessem. Isso porque ela se debruça sobre o discurso. Conforme Maliska (2017, p. 211), “[n]a Análise de Discurso toda a problemática do sentido, ou melhor, de seus efeitos e defeitos, se dá através de uma premissa que a linguagem não é um código a ser decifrado pelo receptor que a receberia cifrada pelo emissor. Não se trata de entendê-la como comunicação, mensagem, código, enfim, nada disso [...]”. Dessa forma, o discurso é determinado pela posição-sujeito, inscrito em uma posição ideológica e é sociohistoricamente determinado.

Nesse interim, de acordo com Orlandi (1998, 2013), no domínio discursivo, não se encontra o sujeito uno, empiricamente coincidente consigo mesmo. O sujeito é uma “posição” entre outras. Outrossim, “[...] o modo como o sujeito ocupa seu lugar, enquanto posição, não lhe é acessível, ele não tem acesso direto a exterioridade (interdiscurso) que o constitui. [...]” (ORLANDI, 2012d, p.48) Conforme Pêcheux (2009, 2014); Pêcheux e Fuchs (2014); Orlandi (2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2013, 2017), para se constituir como sujeito e produzir sentido, ele é afetado pela ideologia, pela língua e pela história.

É importante pontuar que Pêcheux ressignifica a noção de sujeito a partir de estudos althusserianos e lacanianos e que, para a teoria da Análise do discurso de vertente pecheuxteana, o sujeito é clivado, cindido, interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente. Pela ideologia, acredita ser livre, senhor de suas vontades e, tocado pelo inconsciente, crê estar sempre consciente, como atesta Silva e Silva (2020). O trabalho da ideologia é produzir evidências, e tal conceito é pensado, então, no âmbito da relação imaginária do homem com suas condições materiais de existência (ORLANDI, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2013).

Assim, a ideologia produz seus efeitos e naturaliza sentidos. Na perspectiva da AD, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo na relação constitutiva e tensa entre a paráfrase e a polissemia. De acordo com Orlandi (2012b, 2013), os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer algo se mantém, ou seja, a memória. Há, na paráfrase, uma estabilização, e a produção do mesmo sentido sob muitas formas. Vale destacar que acerca dos processos polissêmicos, pode-se afirmar que há o deslocamento, ruptura, ele é o responsável por múltiplos sentidos, trabalha com o equívoco. Assim, a AD relaciona a produção de sentidos com a sua historicidade, por meio da exterioridade constitutiva de todo dizer. Do exposto, de acordo com a autora, “o que chamamos historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele” (ORLANDI, 2013, p. 68). Ainda, é importante situar que é por meio da historicidade inscrita na exterioridade constitutiva (interdiscurso) são produzidos processos de significação. Ainda de acordo com Orlandi:

[...] A paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico
A tensão entre estes processos manifesta-se de várias maneiras: na existência da regra e da exceção, do previsível e do imprevisível, do certo e do indeterminado, do legítimo e daquilo que tem de se legitimar, do que já é e do que pode ser, do estabelecido e do que muda etc. (ORLANDI, 2012b, p. 113).

É nesta tensão entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia) que sujeitos e sentidos, pela repetição, estão sempre tangenciando o diferente, o possível, o novo e, nesse jogo, alguns sentidos são mobilizados e outros silenciados. Além disso, vale pontuar que o processo de produção de sentidos e identificação do sujeito ocorre dentro de uma formação discursiva (FD). Sobre o conceito de FD, pode ser mencionado que este foi criado por Foucault e reformulado por Pêcheux. Dessa forma, Pêcheux busca enfatizar, em seus estudos, teorizações que vão além da luta de classes, o elemento ideológico, pois, para ele, a ideologia materializa-se no discurso. Assim, para Pêcheux, a FD é imbricada com a noção de formação ideológica, decorrente da leitura que ele fez da obra intitulada *Aparelhos Ideológicos do Estado*,

de Althusser, o que explica sua relação com o marxismo, como afirma Silva (2019). Dessa forma, Pêcheux (2009, p.147) expõe seu conceito:

[...] chamaremos, então, aquilo que, numa formação ideológica dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito. Formação discursiva que consiste numa formação ideológica dada de uma posição dada numa certa conjuntura, determinada pelo estado da luta de classes determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc).

Pêcheux (2014, 2009), compreende a argumentação como constitutiva no direcionamento do discurso, a partir da antecipação (imaginário) do locutor sobre o que o ouvinte espera escutar dele. O autor percebe a linha tênue entre regularidade e instabilidade de sentidos no interior de uma FD, pois suas fronteiras são porosas, o que permite o atravessamento de outras FDs, movimentando as redes de filiação dos sentidos.

Os sentidos inscrevem-se em uma rede de memórias que (re) atualizam o já-dito. A memória discursiva refere-se ao fato que todo dizer se produz sobre um já-dito. Para que nossas palavras façam sentido, é preciso que já tenham sentido. A essa memória, Orlandi chama de interdiscurso. É essa concepção de interdiscurso que adotaremos neste artigo. Em face de uma memória discursiva, os sentidos ora se movimentam, ora se estabilizam, a depender da posição do sujeito em relação ao interdiscurso. Diante disso, no funcionamento do interdiscurso, o esquecimento é constitutivo. É porque esquecemos que os sentidos ficam à deriva. Assim, o retorno do mesmo em relações e condições díspares com a memória, desloca, produz o que chamamos efeitos metafóricos, transferências. Nesse âmbito, o efeito metafórico é esquecimento e retomada, desliza para outro sítio de significação (ORLANDI, 2012a, 2013). Conforme Pêcheux (2014, p. 96):

[...] chamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos “naturais” por oposição aos códigos e às “línguas artificiais [...].

Ainda, para Pêcheux:

[...] o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (meta-phora), pela qual elementos significantes passam a se confrontar, de modo que “se revestem de um sentido” não poderia ser predeterminada por propriedades da língua: [...] de fato, o sentido, existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem [...] (PÊCHEUX, 2009, p. 239-240).

Diante do exposto, percebemos o efeito metafórico como um efeito semântico que pode ser substituído contextualmente por outro, sem que dele se desligue totalmente. É um deslizamento entre termos linguísticos, a possibilidade de um enunciado tornar-se outro, diferente de si mesmo, como afirma Pêcheux (2008, 2009)

A metáfora emerge nas bordas do dizer, nos processos de constituição e deriva de sentidos e deve ser pensada em relação à transferência de sentidos, ou seja, como as palavras adquirem diferentes sentidos a cada nova repetição (CASSANA, 2017). No próximo tópico, abordaremos os aspectos metodológicos deste trabalho.

3 Situando os aspectos metodológicos

Aqui, será analisada uma imagem publicada pelo site da revista *Istoé*, acerca dos protestos contra o presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, ocorridos nas ruas do Brasil em 02/10/2021. Na imagem, vê-se o enunciado “Bolsocaró”, numa referência à alta inflação que acomete o Brasil no governo Bolsonaro.

A imagem dessa matéria jornalística foi printada, por meio de um aparelho de celular e anexada a este trabalho para ser observada e analisada à luz do dispositivo teórico e analítico da Análise do Discurso de vertente pecheuxteana. As concepções teóricas e metodológicas operatórias que movimentam a materialidade discursiva analisada serão: a posição-sujeito, a formação discursiva, a paráfrase, a polissemia e os efeitos metafóricos. Conforme Orlandi (2013, p. 66):

[...] inicia-se o trabalho de análise pela configuração do corpus, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise do discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise [...].

É este batimento entre teoria, consulta ao *corpus* e análise que será realizado neste trabalho. É preciso pontuar que este artigo busca observar, especialmente, à deriva, o(s) outro (s) sentido (s) possíveis, os embates ideológicos que ocorrem no funcionamento da linguagem. Conforme Orlandi (2012a, 2012b, 2012c, 2013), a ideologia refere-se às relações imaginárias do sujeito com as suas condições materiais de existência. Neste trabalho, a ideologia materializa-se no discurso imagético.

Também é preciso pontuar que este artigo compreende a imagem como materialidade discursiva devido ao fato de ela possuir uma forma material, que permite ao analista compreender o processo de luta de classes, a produção de sentidos em sua polissemia e o funcionamento da(s) ideologia(s), que atuam com unidade de sentido em relação à conjuntura brasileira. Pêcheux (2009), ao articular ideologia e inconsciente na linguagem, revela que os sentidos são constituídos historicamente por meio dessa relação simbólico/ideologia/inconsciente e é a

materialidade que permite entender o funcionamento da(s) ideologia(s) pelo inconsciente.

4 Batimento analítico da imagem como materialidade discursiva

Figura 1 - Manifestantes criticam alta de preços: “a culpa é do Bolsonaro”



Fonte: Disponível em: <<https://istoe.com.br/manifestantes-criticam-alta-de-precos-a-culpa-e-do-bolsonaro/>> Acesso em: 03 de outubro de 2021

De início, é interessante analisar que o título do enunciado da publicação já marca posições-sujeito díspares: de um lado os sujeitos manifestantes e, de outro, o sujeito presidente. Assim, há posições marcadas pela determinação histórica no processo de luta de classes, que funcionam marcadas pelas formações imaginárias que atravessam os sujeitos manifestantes, pois há um processo de antecipação ao enunciarem que o presidente Jair Messias Bolsonaro é o culpado pela alta de preços, devido ao fato de ele ocupar a posição-sujeito de presidente do Brasil. Logo, cabe ao gestor nacional a responsabilidade de gerenciar a economia do seu país, de modo a controlar a inflação para que não haja aumento de preços. Conforme Pêcheux (2014), o mecanismo de antecipação permite que o orador, de certa forma, experimente o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar.

Desse modo, as posições-sujeito são marcadas nesse processo de luta de classes, entre aqueles que sofrem a alta de preços e, por isso, protestam (os sujeitos manifestantes) contra o presidente Bolsonaro (o sujeito responsável, culpado). O termo “culpado” que circula no enunciado atribuído ao presidente se dá porque, ao se inscrever na formação discursiva de Presidente do Brasil, há sentidos e saberes que circulam autorizados por meio da historicidade presente na exterioridade constitutiva, que determinam o que pode e deve ser feito por um presidente da República do Brasil (cuidar do seu cidadão na garantia de seus direitos, evitar a alta de preços, promover políticas públicas de inclusão social, favorecer um Estado laico, etc.).

Nesse modo de (d)enunciar, os sujeitos manifestantes se posicionam desejantes na busca pela completude de conseguirem que os preços das mercadorias baixem, enquanto que o sujeito presidente Bolsonaro é apresentado no cartaz como aquele

que busca favorecer o aumento de preços, por ser apresentado no protesto como o culpado da alta da inflação no país.

Nesse ponto, ao apresentar um cartaz com o preço do arroz por 30,00, a carne por 40,00, o gás por 105,00, a gasolina por 7,00 e a cesta básica por 654,00, os sujeitos manifestantes não se posicionam apenas de modo a marcarem o preço atual de cada um desses itens, mas de modo que sujeitos e sentidos se constituam mutuamente, pois, pelo apontamento da exterioridade constitutiva de todo dizer, por meio do interdiscurso, é possível recuperar que, por exemplo, ao se (d)enunciar que a carne custa 30,00, atualmente, diz-se que, antes, a carne já custou 25,00 por quilo, por exemplo, e ao se dizer que o gás custa atualmente 105,00, (d)enuncia-se que no ano passado o gás já custou 45 reais. Logo, é possível, pelo viés da Análise do Discurso Materialista de vertente pecheuxteana, compreender que alguma coisa fala antes noutro lugar, independente e diferentemente, conforme atesta Pêcheux (2009).

Assim, mostrar num cartaz os altos preços atuais das mercadorias aponta para um saber discursivo que circula na conjuntura brasileira, sinalizando para o agravamento da crise econômica no Brasil.

Diante do exposto, em um ano de pandemia do Coronavírus, os brasileiros (alguns mais que outros) viram os preços dos alimentos subirem. A alta da inflação virou alvo de campanha de críticos ao governo do presidente Jair Bolsonaro, que espalharam cartazes em São Paulo com o termo "Bolsocaró", com reclamações sobre disparada nos preços nos mercados. Nesse ponto, é interessante focar o termo linguístico Bolsocaró, que já traz em si as marcas da historicidade, numa referência ao consumo, alta de preços, inflação (algo que remete ao que está "caro", com valor oneroso).

Dessa forma, nessa relação constitutiva entre paráfrase e polissemia, a imagem com o dizer Bolsocaró significa ao (d)enunciar algo, inscrevendo-se numa memória atual, que se inscreve numa rede de memórias. Assim, o termo Bolsocaró funciona como unidade de sentido em relação à situação, fazendo ressoarem efeitos de sentido, que (d)enunciam a alta dos preços e o que isso significa para as camadas mais pobres da população brasileira.

Apesar de o preço em si ser igual para todo mundo, o tamanho do impacto dos aumentos varia para cada família, de acordo com a chamada cesta de consumo — ou seja, depende dos grupos de produtos que elas costumam consumir e quanto do orçamento delas esses itens representam. Em um ano de pandemia (considerando um recorte referente ao período de março de 2020 a fevereiro de 2021, por exemplo), a inflação sentida pelas famílias brasileiras mais pobres foi de 6,75%. Essa taxa representa o dobro do impacto para as famílias mais ricas, que é de 3,43% no mesmo período, segundo os dados do indicador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) de inflação por faixa de renda.

Pode ser acrescido, nessas condições de produção do discurso, que o termo linguístico Bolsocaró produz um deslocamento de sentido em relação ao uso do nome

Bolsonaro que, por trajetos sociais e pela ativação de redes de memória, faz retomar conjunturas sóciohistóricas de inflação e de desemprego em governos predecessores. Assim, o termo Bolsocaró fornece pistas para que os sentidos sejam constituídos produzindo efeito de ironia ao atual governo do país. Para Pêcheux (1999, 2009), o discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento do outro. Conforme Pêcheux (2014, p. 76): “[...] o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio [...]”. Dessa forma, a memória discursiva é o saber discursivo, o já-dito, o já-lá que já significa antes que nossas palavras façam sentido, que foi constituído ao longo de uma história e atravessa nosso discurso.

Assim, é possível analisar que as formações discursivas, que, conforme Pêcheux (2009, p. 147), “[...] determinam o que pode e deve ser dito[...]”, e aparecem marcadas na imagem do cartaz e no protesto que, pelo regime de repetibilidade, ganhou regularização de que o governo bolsonarista é permeado de contradições e falácias, que produzem o efeito de descontentamento do povo.

Tomando a exterioridade constitutiva como possibilidade de leitura, pode-se referenciar que o termo Bolsocaró fica à deriva e ressoa o efeito de sentido de arbitrário, por ele ser, por muitos, acusado de ter uma postura agressiva, negacionista, de não empatia com o povo e com as necessidades básicas dos cidadãos do Brasil. Conforme Pêcheux (2008, p. 53): “Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação[...]”.

O cartaz que apresenta, na reportagem, o termo Bolsocaró é significado e ressignificado pelos manifestantes, produzindo efeitos metafóricos associados aos conceitos de exploração, de desemprego, de fome. Conforme Orlandi (2013), efeito metafórico é o lugar da interpretação, da historicidade. A metáfora está na base de constituição dos sujeitos e dos sentidos. Desse modo, “o processo de produção de sentidos está necessariamente sujeito ao deslize, havendo sempre um “outro” possível que o constitui” (ORLANDI, 2013, p. 79). Diante disso, cabe assinalar que o processo de produção de sentidos implica na produção de sujeitos. Isso porque sujeitos e sentidos se constituíram no manifesto e no cartaz em relação aos efeitos produzidos nas vidas dos sujeitos decorrentes do atual governo.

5 Findando a proposta

Tendo em vista os aspectos observados e analisados, mobilizamos um gesto de leitura e interpretação, por meio da análise discursiva de uma imagem publicada no site *Istoé* e que circula na mídia digital. Analisaram-se, neste trabalho, os efeitos metafóricos de denúncia social que apontam o governo Bolsonaro/ “Bolsocaró” como associado à alta na inflação refletida no custo dos alimentos, gasolina, gás, entre outros bens de consumo.

Nesse viés teórico-analítico em que este trabalho se ancora, ou seja, na Análise do Discurso delineada por Pêcheux (1969) na França e desenvolvida e difundida por Orlandi (2012a, 2012b, 2012c, 2008, 2013, 2014, 2017) e demais estudiosos, o mobilizar da unidade dos sentidos e dos sujeitos passam a ser nomeados de “efeitos de sentidos”, porque essa unidade é imaginária. São efeitos porque, ao refutar “transparências” (da linguagem, do sujeito, da história), o que resta ao sujeito são os efeitos (de transparência, evidência, objetividade) como afirma Silva (2020). Conforme Orlandi (1998, p.205), “[...] sujeitos e sentido se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação. Os mecanismos de produção desentidos são também os mecanismos de produção dos sujeitos”.

Assim, sujeitos e sentidos se constituem mutuamente neste artigo. A imagem, como materialidade discursiva analisada, produz o efeito de que, na posição-sujeito presidente do Brasil, Bolsonaro deveria enfrentar as consequências da crise econômica, como havia prometido no momento de sua posse em 2018, criando, com o Ministério da Economia, estratégias para frear a alta de preços em diversos produtos.

O termo linguístico Bolsocaró, agregado como radical de uma palavra (Bolso/Bolsocaró/Bolsonaro), corresponde à parte do nome do atual presidente e também produz o sentido de gasto, referindo-se a uma parte da vestimenta na qual o cidadão utiliza como local para se guardar dinheiro. Nesse ponto, o bolso (parte da vestimenta), que funciona como paráfrase, é (re)atualizado para Bolso (parte inicial do nome sobrenome presidente Jair Messias Bolsonaro), termo que é trazido numa relação polissêmica, para significar num novo acontecimento discursivo (presidente inoperante, culpado pela alta de preços dos produtos). É desse modo que ocorre esse deslocamento do termo Bolsonaro para Bolsocaró.

Assim, o termo Bolsocaró produz o efeito metafórico de governança fragilizada pelo índice não apenas de desemprego, como também pela alta inflação. Ainda produz o efeito metafórico de desnivelamento entre as promessas de campanha e o que acontece na atual conjuntura econômica, o que compromete a credibilidade do povo no atual governo e, conseqüentemente, fragiliza sua governabilidade.

O nome Bolsonaro, ao se deslocar para Bolsocaró, produz efeitos de sentido devido à alta de preços nos principais produtos de consumo. Dessa forma, a memória discursiva ressoa ecos e retoma as promessas de campanha dele em 2018 em “reduzir o preço do gás com seriedade, combate à corrupção”, permitindo que uma memória atual desconstrua o já-dito no passado. Assim, a memória discursiva é acionada e, dessa forma, retomamos promessas similares de governos predecessores.

Segundo Orlandi (1998, p. 206):

[...] identificamo-nos com certas ideias, com certos assuntos, com certas afirmações porque temos a sensação de que elas “batem” com algo que temos em nós. Ora, este algo é o que chamamos de interdiscurso, o saber discursivo, a memória dos sentidos que foram se constituindo em nossa relação com a linguagem. Assim nos filiamos a redes de sentidos, nos identificamos com

processos de significação e nos constituímos como posições de sujeito relativas às formações discursivas, em face das quais os sentidos fazem sentido [...]

Nesse ponto, é possível se identificar determinadas ideias porque o discurso compreende o encontro de uma memória atual com uma rede de memórias. Na superfície linguística analisada, Bolsocaró se inscreve no já-dito e reverbera representações sociais sobre o atual governo, deslocando-se num denunciamento irônico sobre a inflação que atravessa o Brasil.

Referências

- BRASIL DE FATO. 'Bolsocaro' domina protestos no lugar de 'genocida: entenda porque isso é ruim para ele. *Brasil de Fato*, s. p., 02 out. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/10/02/bolsocaro-domina-protestos-no-lugar-de-genocida-entenda-por-que-isso-e-ruim-para-ele>> Acesso em: 05 out. 2021.
- CASSANA, M. F. *Os deslizamentos de sentido: Efeitos metafóricos e metonímicos no discurso do corpo*. Revista Letras Escreve. Macapá, v.7, n.1, 2017, p.33-58. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/2999>. Acesso em: 05 out. 2021.
- EXAME. Reformas, inflação e desemprego: os 1000 dias de Bolsonaro na economia. *Exame*, s. p., 27 set. 2021. Disponível em: <<https://exame.com/economia/reformas-inflacao-e-desemprego-os-1000-dias-de-bolsonaro-na-economia/>> Acesso em: 05 out. 2021.
- FILHO, Maurício J. V.; PROCÓPIO, Mariana R. O ethos de Jair Messias Bolsonaro: uma análise discursiva dos discursos da posse presidencial. *Temática*, ano XVI, n. 08, p. 157-171, ago. 2020.
- G1. Jair Bolsonaro: as promessas do candidato de PSL à presidência. *G1*, s. p., 11 out. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/11/jair-bolsonaro-as-promessas-do-candidato-do-psl-a-presidencia.ghtml>> Acesso em: 05 out. 2021.
- G1. Manifestantes vão às ruas em todos os estados pedir o impeachment de Bolsonaro. *G1*, s. p., 02 out. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/10/02/protestos-contra-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 05 out. 2021.
- MALISKA, M. E.. *A voz: Um corpo que não engana*. In: FLORES, G. G. B. et al (org). *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. Volume 3, Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, E. P. Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, Inês. *Língua (gem) e ORLANDI, E. P. Discurso e argumentação: um observatório do político*. *Fórum Linguístico*, v.1, n.1, p.73-81, 1998.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2013.
- ORLANDI, E. P. Discursos e museus: Da memória e Do esquecimento. *Revista entremeios*, v. 9, p. 1-8, julho 2014.
- ORLANDI, E. P. *Discurso em análise*. Sujeito, sentido, ideologia. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012a.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012b.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2012c.
- ORLANDI, E. P. *Autoria, Leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012d.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p. 59-96.

PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. ACHARD, Pierre *et al.* (orgs.) *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014, p.159-231.

SILVA, D. S. da.; SILVA, C. S. A fantástica loja de chocolates de Flávio Bolsonaro em efeitos de sentido produzidos por memes. *Revista Dissol*, ano VII, nº 11, p.151-168, jan/jun 2020.

Bolsocaro: Metaphoric Effects on na image of protests against Bolsonaro president, on 10/02/2021, in the streets of Brazil

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 7

Number 1

Received in: 09/12/2021

Approved in: 21/04/2022

Abstract:

This article analyzes an image published on the website of the magazine *Istoé*, about the protests against the president of Brazil, Jair Messias Bolsonaro, which took place in the streets of Brazil on 10/02/2021. In the image, we can see the enunciation “Bolsocaro”, in reference to the high inflation that affects Brazil during the Bolsonaro government. Thus, from the point of view of the theoretical and methodological perspective of Materialist Discourse Analysis of Pecheuxian strand, this work is anchored in the concepts of paraphrase, polysemy, metaphorical effects, subject-position and discursive formation, to analyze the image that works as materiality discursive, as it points to the constitutive historicity in the exteriority, which brings the already-said and the actuality of the Brazilian situation, producing displacements, as a unit of meaning in relation to the situation.

Keyword:

Metaphoric effects; Paraphrase; Polysemy.